

T5: Os conceitos de ideologia e de mediação da cultura, segundo John Thompson (1995)

Nomes: Henrique Mazzini Afonso; Francis Charrier; Gabriel Gualda;
Gabriel Nascimento, Paul Marie e Julia Rensing

O autor:

John B. Thompson é sociólogo e professor da Universidade de Cambridge, reconhecido internacionalmente no campo das ciências sociais. Seus estudos se dirigem notadamente para o papel da mídia nas sociedades contemporâneas.. Sua principais publicações são “A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia”, “Mercadores de cultura: o mercado editorial no século XXI” e “Ideology and mass culture”.

O debate em torno da ideologia na era moderna

John B. Thompson tem como seu objeto de estudo o lugar da ideologia na reflexão sobre a formação da sociedade moderna. Este processo histórico foi interpretado por grandes pensadores de uma maneira que é designada por Thompson como a “grande narrativa”. Neste processo, ocorre o abandono de tradições místicas e religiosas da sociedade feudal, paralelamente a emergência de um novo sistema de produção (capitalista industrial). Essa ruptura de antigos valores, a criação do Estado livre da religião (secularizado), o desenvolvimento da mídia de massas e o maior acesso à educação da população europeia teriam criado segundo alguns autores um cenário propício para a difusão e debate de ideologias na esfera pública, repercutindo na emergência de movimentos sociais revolucionários. Contudo, Thompson considera o conceito de ideologia de forma distinta de autores que concebem a ideologia como um fenômeno moderno. O sociólogo propõe que a ideologia seria formas simbólicas usadas a serviço do poder, em diferentes espaços e tempos.

“A secularização da vida social e do poder político criou as condições para a emergência e difusão das “ideologias”. Nesse contexto, “ideologias” são entendidas, principalmente, como sistemas seculares de crenças que têm uma função mobilizadora e legitimadora. O fim do século XVIII e o começo do século XIX marcaram o começo da “era das ideologias” nesse sentido, como ficou expresso nas grandes revoluções políticas da França e da América e na proliferação das doutrinas políticas, ou dos “ismos”, desde o socialismo e comunismo até o liberalismo, o conservadorismo e o nacionalismo” (THOMPSON, 1990).

Então, Thompson examina a “grande narrativa” do capitalismo industrial, apontando para três pontos principais: A emergência do capitalismo industrial foi acompanhado pelo declínio das crenças, práticas religiosas e mágicas que eram prevalentes em sociedades pré-industriais. Embora pensadores, como Weber e Marx (autores chave da grande narrativa), tenham destacado a ligação entre o desenvolvimento do capitalismo e a perda da influência da religião, desenvolvem explicações com tonalidades muito diferentes. De sua parte, Marx interpretou que ocorreria uma desmistificação das relações sociais com os processos de secularização, o que seria uma pré-condição para emancipação da classe trabalhadora. Em seu *Manifesto do Partido Comunista*, esta interpretação orienta a proposição segundo a qual a sociedade se transformaria, em razão da conscientização dos trabalhadores de forma

**ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ” ESALQ-USP
LES 0237 - SOCIEDADE, CULTURA E NATUREZA**

iluminada das relações sociais de exploração, o que permitiria alcançar um patamar mais elevado de bem-estar social. Por sua vez, Weber sugeriu um desencantamento do mundo moderno, ressentindo a perda de valores tradicionais e distintivos da civilização ocidental, que seriam substituídos por uma racionalização sempre crescente e por uma burocratização da vida social.

As mudanças em curso desde o final do século XVIII estão associadas ao grande êxodo rural de europeus para trabalhar na indústria das crescentes metrópoles. Desta forma, ocorre a substituição gradual da consciência religiosa e mística por uma consciência prática, coletiva e social. Neste processo, o poder estatal se constrói sobre leis formais, justificadas por valores e direitos universais, fundadas em crenças seculares, abandonando pouco a pouco a atribuição do poder político a uma divindade ou seus representantes. Esse processo de secularização é a base do desenvolvimento da ação política dissociada de seres ou valores de outro mundo.

Para alguns autores, trata-se do início da "era das ideologias", tendo como ponto de partida as grandes revoluções na França ou nos Estados Unidos, com uma proliferação de novas doutrinas (socialismo, comunismo, liberalismo, conservadorismo, nacionalismo). O desenvolvimento de técnicas de comunicação (a expansão da indústria jornalística, depois a televisão) e a educação (aumento da alfabetização) facilitam a difusão dessas doutrinas. Assim, constitui-se um espaço público no qual é possível discutir e debater questões sociais ou políticas. O indivíduo torna-se então um participante no debate público com potencial de questionar as estruturas políticas. Essa participação ocorreria em nome de diferentes ideologias.

Os acontecimentos da primeira metade do século XX, as duas guerras mundiais e outros eventos violentos e opressivos foram interpretados como frutos de visões radicais, as ideologia, que perderiam gradualmente seu poder de persuasão, pois passam a ser percebidas como fontes de conflito e violência. Uma visão mais pragmática de mudança social tenderia a predominar em detrimento das ideias revolucionárias.

Com esta concepção, pensadores influentes passam a defender o “fim das ideologias” Na verdade, estes teóricos referem-se ao termo ideologia com um sentido muito específico, ou seja como doutrinas "totalizantes, utópicas, apaixonadas e dogmáticas".

Assim, Thompson considera que “a grande narrativa da transformação cultural não é um referencial apropriado no qual se possa analisar a natureza e o papel das ideologias nas sociedades modernas”. Por outro lado, Thompson crítica muito profundamente a negligência com a “mediação da cultura”, ou seja com o papel crescente dos meios de comunicação de massa, na “grande narrativa”.

Finalmente, Thompson considera que é bastante instigante reorientar o estudo da ideologia para uma abordagem sobre “as múltiplas e diferentes maneiras como as formas simbólicas foram usadas, e continuam a ser, a serviço do poder, dentro das sociedades ocidentais modernas ou dos contextos sociais situados em diferentes pontos no tempo ou no espaço” (THOMPSON, 1990).

Referências Bibliográficas

THOMPSON, John (1995), *Ideologia e cultura moderna*, Petrópolis: Editora Vozes.